

## **ITINERÁRIO DE PASÁRGADA, DE MANUEL BANDEIRA: O ESCRITOR-LEITOR EM SUA OFICINA POÉTICA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Rocha<sup>1</sup> (UERJ)

### **Resumo:**

*Balanco de uma vida dedicada à poesia, o Itinerário de Pasárgada mescla o registro confessional e memorialístico à discussão e exposição de uma teoria da poesia. A visão teórica de Manuel Bandeira surge da leitura de si mesmo e de muitos outros poetas; da comparação e do desvendamento de influências, técnicas e tendências estéticas da poesia moderna; da análise das relações entre a arte verbal e outras artes, como a música e a pintura; da consideração de tudo o que contribuiu para a elaboração de uma concepção de poesia muito particular, que alia o improviso e a construção refletida, a inspiração e o domínio da técnica. Esse belo relato do escritor-leitor Manuel Bandeira, além de trazer à luz o processo de formação da experiência poética bandeiriana, assume o papel de biografia de grupo, uma vez que a história da formação de Manuel Bandeira como poeta dá testemunho da história do movimento modernista no Brasil.*

**Palavras-chave:** autobiografia poética; memorialismo; poeta menor; teoria da poesia; biografia de grupo.

### **1 Introdução**

Na trajetória literária de Manuel Bandeira, o exercício da escrita é inseparável da leitura crítica e lúcida de outros poetas e de si mesmo: escritor e leitor caminham juntos, não apenas nos ensaios críticos e na produção cronística, mas também nas cartas e na própria poesia – que não poucas vezes reflete sobre o fazer poético.

O escritor-leitor Manuel Bandeira ganha ainda mais destaque no *Itinerário de Pasárgada* – relato memorialístico em que o autor expõe os bastidores de sua experiência literária. Publicado em 1954, o *Itinerário* coincide com outras memórias de modernistas brasileiros – compostas num momento em que alguns desses escritores escreveram suas autobiografias, reavaliando o caminho percorrido. Também de 1954 é *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*, de Oswald de Andrade; em 1956, foi a vez de *Meus verdes anos*, de José Lins do Rego. No final da década seguinte, em 1968, Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade publicaram, respectivamente, *A idade do serrote* e *Boitempo*.

No âmbito do memorialismo modernista, a opção de Manuel Bandeira foi a de escrever suas “memórias relativas à poesia”, conforme declarou o próprio poeta, em carta a João Cabral de Melo Neto (BANDEIRA apud MELO NETO, 2001, p.120). O resultado é um texto singular, o qual, do ponto de vista do gênero a que se filia, depende da mescla entre elementos diversos: o confessional, da memória biográfica; e o poético-crítico, intelectual e imaginativo,

---

<sup>1</sup> Fátima ROCHA, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
fanalu@terra.com.br

“fundindo-se tudo numa forma especial de balanço de uma experiência poética” (ARRIGUCCI, 1992, p.125) e na “revelação sem pose de uma teoria da poesia” (ARRIGUCCI, 1992, p.124).

Instrumento imprescindível para a compreensão da poesia de Manuel Bandeira, o *Itinerário de Pasárgada* vale também por si mesmo: com sua linguagem clara e chã, de uma simplicidade natural que é a marca do poeta, o *Itinerário* constitui “uma forma estética de organização da experiência” (ARRIGUCCI, 1992, p.126). Assim, revisitar o *Itinerário* traçado por um de nossos maiores poetas é entrar em contato com o escritor-leitor que, instalado em sua oficina poética, reflete criticamente sobre a literatura e seus problemas, comenta a vida literária brasileira e escreve a história de sua formação como poeta.

## 2 O percurso do escritor-leitor

O caminho desenhado por Manuel Bandeira no *Itinerário* lembra-nos as palavras de Helmut Galle sobre as autobiografias:

A unidade da narração autobiográfica (...) não é dada, mas constantemente “construída” pelo sujeito por meios dos acontecimentos vividos e lembrados. Esta unidade construída e, por outro lado, precária, não é fútil nem ilusória, pois é exatamente desta forma que a integridade ética do sujeito pode ser alcançada (GALLE, 2006, p.71-2).

Com efeito, ao escrever sua autobiografia poética, o escritor Manuel Bandeira privilegia os episódios relevantes para a formação do poeta, com eles construindo a unidade de sua trajetória, num relato que deixa na sombra muitas outras experiências que não se incluem no seu ponto de mira. Nos episódios que compõem o *Itinerário*, o leitor Manuel Bandeira é com frequência o protagonista, seja nos comentários críticos sobre poetas e poemas – próprios e alheios; seja na leitura profunda de sua herança tradicional; seja no desvendamento de influências, de técnicas e tendências estéticas da poesia moderna; seja nas considerações quase ensaísticas sobre as relações entre a arte verbal e outras artes, como a pintura e a música.

Dividido em vinte e um segmentos, que se desenvolvem cronologicamente, o *Itinerário* apresenta três grandes ciclos ou etapas – discerníveis pela leitura cuidadosa, atenta às sinalizações do próprio autor. O primeiro ciclo, que compreende os dois segmentos iniciais, abrange a “primeira infância”, a meninice e a adolescência; o segundo ciclo, que se estende por sete segmentos, inclui os “anos de formação”, que o autor situa entre 1904 (ano em que adoeceu) e 1917 (quando editou o primeiro livro de versos, *A cinza das horas*); o terceiro ciclo, que compreende os doze últimos segmentos, refaz o itinerário do **escritor** – condição assinalada pela publicação de *A cinza das horas* –, acompanhando sua trajetória livro a livro, até *Opus 10*, lançado em 1952. A cada ciclo ou etapa correspondem determinados lugares – cidades, ruas, bairros – e preciosas lições, fundamentais para o lento processo de assimilação da experiência poética do escritor que se diz **menor** – autorrepresentação que esconde, sob a aparente despreensão, uma postura ética e uma teoria estética.

A concepção estética tem suas raízes na infância, como o evidencia o início das memórias:

Sou natural do Recife, mas na verdade nasci para a vida consciente em Petrópolis, pois de Petrópolis datam as minhas mais velhas reminiscências.

(...) O que há de especial nessas reminiscências (...) é que, não obstante serem tão vagas, encerram para mim um conteúdo inesgotável de emoção. A certa altura da vida vim a identificar essa emoção particular com outra – a de natureza artística. Desde esse momento, posso dizer que havia descoberto o segredo da poesia, o segredo do meu itinerário em poesia (BANDEIRA, 1983, p.33).

Deste modo, Manuel Bandeira inicia o relato por uma primeira concepção de poesia, ligada à experiência do momentâneo e à emoção poética. Se esta última enraíza-se em certas imagens da memória da infância em Petrópolis (cidade na qual a família, transferida para o Rio de Janeiro, passava algumas temporadas), o primeiro contato com a poesia sob a forma de versos deu-se “no Recife, depois dos seis anos” (BANDEIRA, 1983, p.33), em contos de fadas e histórias da carochinha, nas cantigas de roda e nos livros de imagens. A propósito, são frequentes, no *Itinerário*, as passagens em que o narrador conta suas experiências de leitura: a descoberta de um escritor, as impressões causadas por certos autores e livros. A **cena de leitura** – salientada por Sylvia Molloy (2003) nas autobiografias hispano-americanas – é recorrente no *Itinerário*, nele figurando desde o seu primeiro segmento:

Não posso deixar de evocar aqui as horas de intensa emoção, as primeiras provocadas por um livro lido com os meus olhos, e foi esse livro o *Cuore* de De Amicis na tradução de João Ribeiro. (...) O *Coração* era o livro de leitura adotado na minha classe. Para mim, porém, não era um livro de estudo. Era a porta de um mundo, não de evasão, como o da *Viagem à roda do mundo numa casquinha de noz*, mas de um sentimento misturado, com a intuição terrificante das tristezas e das maldades da vida (BANDEIRA, 1983, p.135).

Às impressões poéticas da infância liga-se ainda, e fortemente, a imagem do pai e de suas lições: “(...) na companhia paterna ia-me eu embebendo dessa idéia de que a poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas. O próprio meu pai era um grande improvisador de nonsenses líricos, o seu jeito de dar expansão ao gosto verbal nos momentos de bom humor” (BANDEIRA, 1983, p.34).

A Rua da União, no Recife, e a casa do avô, com seus tipos, também compõem a geografia infantil de Manuel Bandeira, assim como sua mitologia: nas lentes do autobiógrafo, “um Totônio Rodrigues, uma Dona Aninha Viegas, a preta Tomásia, velha cozinheira da casa de meu avô Costa Ribeiro, têm (...) a mesma consistência dos personagens dos poemas homéricos” (BANDEIRA, 1983, p. 35).

No segundo segmento do *Itinerário*, Manuel Bandeira rememora o período em que cursou o Colégio Pedro II, então Externato do Ginásio Nacional. Nesse bloco, o autor enfatiza as experiências que contribuíram para a sua formação como poeta, a começar pela evocação da casa de Laranjeiras, na qual passou a residir em 1896:

Nunca brinquei com os moleques da rua, mas impregnei-me a fundo do **realismo da gente do povo**. Jamais esqueci das palavras com que certo caixeiro de venda português deu notícia de um companheiro que não era visto havia algum tempo: “O seu Alberto está com os pulmões podres” (BANDEIRA, 1983, p.35. Grifos nossos).

Mais uma vez, o próprio autobiógrafo explicita a importância daquele realismo para a sua trajetória poética: “Essa influência da fala popular contrabalançava a da minha formação no Ginásio, onde em matéria de linguagem eu me deixava assessorar por meu colega Sousa da Silveira, naquele tempo todo voltado para a lição dos clássicos portugueses” (BANDEIRA,

1983, p.35). Segue-se, então, a lembrança dos colegas e mestres que lhe proporcionaram lições preciosas para a sua experiência poética. Dentre os primeiros, ganha destaque Sousa da Silveira, que chamava a atenção do amigo para a presença, nos grandes escritores do passado, do “elemento indefinível que é o gênio da língua” (BANDEIRA, 1983, p.36). Quanto aos mestres, a Silva Ramos (e ainda ao colega Sousa da Silveira), Manuel Bandeira deve o gosto por Camões, de quem sabia de cor episódios de *Os Lusíadas*.

Esse segundo segmento do *Itinerário* termina com o registro – tantas vezes repetido por Manuel Bandeira – da manifestação da tuberculose, doença que frustra o seu projeto de ser arquiteto (estimulado pelo pai) e o encaminha para a literatura:

Pouco tempo depois partia eu para São Paulo, onde ia matricular-me no curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica. Pensava que a idade dos versos estava definitivamente encerrada. Ia começar para mim outra vida. Começou de fato, mas durou pouco. No fim do ano letivo adoeci e tive de abandonar os estudos, sem saber que seria para sempre. Sem saber que os versos, que eu fizera em menino por divertimento, principiaria então a fazê-los por necessidade, por fatalidade (BANDEIRA, 1983, p.39).

Encerra-se neste ponto o que consideramos o primeiro ciclo do *Itinerário de Pasárgada*, etapa na qual o autor reúne, em sequência cronológica, as impressões poéticas da infância e as lições de poesia aprendidas em sua adolescência. No presente da enunciação, o poeta “que sabe desentranhar a poesia que há escondida nas coisas, nas palavras, nos gritos, nos sonhos” (BANDEIRA apud ARRIGUCCI, 1992, p.137) enraíza na infância a primeira noção de poesia – ligada à experiência do momentâneo e à emoção estética – e a concepção lúdica do fazer poético, relacionada à idéia de que a poesia está em tudo. Aquele mesmo poeta, ao rememorar a adolescência, identifica como fundamentais à configuração de sua postura ética e de sua estética o realismo da gente do povo e a lição dos clássicos portugueses. É assim que, desde o início, o *Itinerário* já se mostra como um texto que se compõe com vários outros textos – reunidos e transcritos pelo escritor-leitor que tanto lança mão do arsenal dos clássicos portugueses e dos registros cultos quanto incorpora o material popularesco e as construções coloquiais.

O segundo ciclo do *Itinerário de Pasárgada* tem início no momento em que, “mal saída da adolescência, [a vida de Bandeira] se quebra pela manifestação da tuberculose, doença então fatal” (ARRIGUCCI, 1992, p.132). O próprio Manuel Bandeira chama essa etapa de período de “formação”, chegando a delimitá-lo cronologicamente: “(...) período que vai do ano de 1904, em que adoeci, ao de 1917, quando publiquei o meu primeiro livro de versos – *A cinza das horas*. Foi nesses treze anos que tomei consciência de minhas limitações e nesses treze anos que formei a minha técnica” (BANDEIRA, 1983, p.39).

Referindo-se às suas limitações, Bandeira autocaracteriza-se como “poeta quando Deus é servido”, para o qual o esforço consciente só resulta em insatisfação, e que cria numa espécie de transe ou alumbramento, “momento de extraordinária intensidade vital, de súbita iluminação do espírito” (ARRIGUCCI, 1992, p.133). Julgando-se incapaz das “grandes abstrações generosas” (BANDEIRA, 1983, p.40), Manuel Bandeira se apresenta como “um poeta menor”, para quem a poesia é um desabafo momentâneo, como se brotasse por uma necessidade íntima, nascida de suas “pequenas dores e ainda menores alegrias” (BANDEIRA, 1983, p.40). Essa postura é explicitada em outros momentos da prosa de Manuel Bandeira, como em crônica de 1956, incluída no livro *Andorinha*, *andorinha*: “No fundo, sou, apenas,

por força das circunstâncias, um simples poeta lírico, um poeta menor, que há uns cinquenta anos não faz senão esperar a morte, cantando as grandes tristezas e as pequenas alegrias que a vida lhe tem proporcionado” (BANDEIRA apud ARRIGUCCI, 1987, p.11).

Quanto à formação de sua técnica, o poeta maduro recorda a descoberta, feita pelo “jovem poeta”, de que a poesia está nas palavras, se faz com palavras, e não com idéias e sentimentos, embora “seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia” (BANDEIRA, 1983, p.40). Efetivamente, o *Itinerário* reconstitui, com clareza e minúcia, a configuração de uma teoria da poesia. Para caracterizá-la, servimo-nos das palavras de Davi Arrigucci:

(...) a concepção da poesia para Bandeira tem de fato uma dupla face. Por um lado, ela surge, como se se tratasse de uma manifestação espontânea, de uma súbita iluminação, o alumbramento. (...) Por outro lado, no entanto, a poesia está nas palavras e é fruto de um saber e de um trabalho consciente de um poeta artesão, experimentado na prática do verso, capaz de dar forma a uma certa ordem de experiência da realidade, ou de desentranhar, após o exercício de longo aprendizado, a matéria preciosa metida na ganga impura do mundo. (...) A conciliação dessas faces, aparentemente contraditórias, é um dos golpes de grande poeta de Bandeira (ARRIGUCCI, 1992, p.135-6).

O *Itinerário de Pasárgada* converte-se, então, na história da aprendizagem, pelo poeta artesão, dos meios técnicos. Aprendizagem que se faz com o estudo atento de numerosos poetas, dentre eles Castro Alves, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho, Antônio Nobre, Cesário Verde e Eugênio de Castro – alguns dos quais são **lidos** criticamente pelo poeta artesão, quando este se refere aos lapsos de memória e ao exame das variantes de um verso ou poema. Além de mencionar os bons e os maus poetas com quem aprendeu, o leitor Manuel Bandeira também cita as incontáveis influências literárias que recebeu: Musset, Verhaeren, Villon, Eugênio de Castro, Lenau, Heine, Charles Guérin, Sully Prudhomme. Ao destacar os poetas, poemas e versos que fizeram época na sua “experiência poética desses anos de formação” (BANDEIRA, 1983, p.43), o autor ressalta, por exemplo, os sonetos de Camões, que o reconciliaram com o hiato e que o ajudaram, juntamente com outros poetas, a não desdenhar as chamadas rimas pobres. Também nessa etapa do *Itinerário*, o relato memorialístico de Manuel Bandeira é bem o relato do poeta-leitor, que não hesita em enriquecer seu texto com os versos e poemas de autores que marcaram seu percurso – tanto no âmbito pessoal quanto no tocante à aprendizagem da técnica. Assim, depois de transcrever o poema “Paroles aux jeunes gens”, de Guy-Charles Cross, o autobiógrafo acrescenta:

Esses versos me impressionaram profundamente e duplamente: o doente imobilizado numa *chaise-longue* sentia-se de certo modo um pouco ressarcido das longas privações por aquela cínica atitude do poeta diante do amor e das mulheres; o rapaz que fazia versos metrificadas e rimados (...) achou um sabor diferente nesses versos, em que alexandrinos de corte tradicional se misturavam a outros de livre movimento rítmico. E entrou a versejar pela nova cartilha (BANDEIRA, 1983, p.47).

Outra experiência decisiva nos “anos de formação” é a difícil conquista do verso verdadeiramente livre:

O hábito do ritmo metrificado, da construção redonda foi-se-me corrigindo lentamente à força de que estranhos dessensibilizantes: traduções em prosa

(as de Poe por Mallarmé), poemas *désavoués* pelos seus autores (...), *menus*, receitas de cozinha, fórmulas de preparados para pele, como esta:

Óleo de rícino

Óleo de amêndoas doces

Álcool de 90°

Essência de rosas (BANDEIRA, 1983, p.47-8).

Ainda no tocante à aprendizagem dos meios técnicos, Manuel Bandeira dedica um segmento do *Itinerário* às influências do desenho e da música em sua poesia – segmento em que, como é frequente no relato, Manuel Bandeira é o leitor de si mesmo. Num outro bloco, o escritor refere-se à sua estada no sanatório suíço de Clavadel, de junho de 1913 a outubro de 1914, ocasião em que conheceu os poetas Paul Eugène Grindel (que mais tarde assinaria Paul Éluard) e Charles Picker. Além de traçar um rápido perfil desses dois poetas, Bandeira aproveita a oportunidade das suas memórias para transcrever alguns versos de Charles Picker e, com esse gesto, homenagear o poeta e amigo: “Parece que ainda estou vendo os pequeninos olhos de Picker, doces e maliciosos, dizendo esses versos... Tenho que se ele houvesse resistido à tuberculose, como eu e Éluard resistimos, seria a esta hora um dos grandes nomes da literatura: possuía tudo para isso” (BANDEIRA, 1983, p.55). Assinalando que, em Clavadel, pela primeira vez pensou seriamente em publicar um livro de versos, Manuel Bandeira fecha o segundo ciclo de seu itinerário.

Portanto, ao re(construir) os “anos de [sua] formação”, o autobiógrafo seleciona as experiências e episódios que o levaram a forjar uma concepção de poesia muito particular – a qual, aliando o improviso e a construção refletida, é capaz de “revelar a emoção oculta num estilo humilde, e com ela o segredo sublime da poesia que pode conter a simplicidade” (ARRIGUCCI, 1992, p. 137). Deste modo, no *Itinerário*, a doença, que tão brutalmente invadiu a vida do adolescente, cede lugar ao longo aprendizado da poesia. É em surdina que o poeta comenta os padecimentos sofridos, optando por colocar em relevo as descobertas do poeta-leitor e as agruras do poeta artesão, às voltas com suas limitações e com a formação de sua técnica. Aqueles padecimentos, Bandeira já os confessara nos poemas escritos à época, muitos deles incluídos no livro *A cinza das horas*. Tomemos como exemplo a segunda estrofe do soneto “A Antonio Nobre”, que traz a data de 3 de fevereiro de 1916 e em que o poeta português é lido por seu admirador Manuel Bandeira nas ressonâncias biográficas que suscita:

Com que magoado olhar, magoado espanto

Revejo em teu destino o meu destino!

Essa dor de tossir bebendo o ar fino,

A esmorecer e desejando tanto... (BANDEIRA, 1983a, p. 120).

A publicação de *A cinza das horas*, em 1917, inicia o que identificamos como a terceira etapa do *Itinerário*, a qual percorre passo a passo a obra do escritor. Nessa etapa, é marcante a presença do sujeito da enunciação, que, à distância, lê e avalia a própria obra, compartilhando tal leitura e avaliação com os críticos que, no calor da hora, se manifestaram sobre os primeiros livros do poeta. De *A cinza das horas*, por exemplo, diz o autobiógrafo, no presente da escrita, já consciente de que a poesia reúne, em constante tensão, espontaneidade e técnica: “Nada tenho para dizer desses versos, senão que ainda me parecem hoje, como me pareciam então, não transcender a minha experiência pessoal, como se fossem simples queixumes de um doente desenganado, coisa que pode ser comovente no plano humano, mas não no plano artístico” (BANDEIRA, 1983, p.56).

A partir da referência ao livro *Carnaval*, torna-se mais frequente, no *Itinerário*, a explicação do poeta sobre a gênese dos seus poemas, como é o caso do emblemático “Os sapos”. A propósito de tal poema, Manuel Bandeira faz a primeira menção à geração modernista, dando ao relato autobiográfico uma outra dimensão, que é a da biografia de grupo: a história de sua formação como poeta aproxima-se, então, da história do movimento modernista no Brasil, sempre a partir de um viés lúcido e crítico – marca da reflexão bandeiriana sobre a literatura e as artes em geral, nas crônicas, nos ensaios e nas cartas.

Nessa etapa do *Itinerário*, o autobiógrafo continua a recordar os ensinamentos e as influências que recebeu, destacando-se, nesse âmbito, a importância da Rua do Curvelo em sua poesia: “A Rua do Curvelo ensinou-me muitas coisas. [Ribeiro] Couto foi avisada testemunha disso e sabe que o elemento de humilde cotidiano que começou desde então a se fazer sentir em minha poesia não resultava de nenhuma intenção modernista. Resultou, muito simplesmente, do ambiente do morro do Curvelo” (BANDEIRA, 1983, p.60).

Relembrando esse período de sua trajetória, o memorialista avalia:

A morte de meu pai e a minha residência no morro do Curvelo de 1920 a 1933 **acabaram de amadurecer o poeta que sou**. Quando meu pai era vivo, a morte ou o que quer que me pudesse acontecer não me preocupava, porque eu sabia que pondo a minha mão na sua, nada haveria que eu não tivesse a coragem de enfrentar. Sem ele eu me sentia definitivamente só. E era só que teria de enfrentar a pobreza e a morte. Quanto ao morro do Curvelo, o meu apartamento, o andar mais alto de um velho casarão quase em ruína, era, pelo lado dos fundos, posto de observação da pobreza mais dura e mais valente, e pelo lado da frente, ao nível da rua, zona de convívio com a garotada sem lei nem rei que infestava as minhas janelas, quebrando-lhes às vezes as vidraças, mas restituindo-me de certo modo o meu clima de meninice da Rua da União em Pernambuco. Não sei se exagero dizendo que foi na Rua do Curvelo que reaprendi os caminhos da infância. Lá escrevi quatro livros, três de poesias – *O ritmo dissoluto*, *Libertinagem*, e quase toda a *Estrela da manhã*, e um de prosa – as *Crônicas da Província do Brasil* (BANDEIRA, 1983, p.60. Grifos nossos).

Assim, Bandeira atribui à Rua do Curvelo um componente fundamental do ideal estético que o norteia e o individualiza: a busca de uma elevada emoção poética através das palavras mais simples de todo dia.

É bem verdade que, na “história de si mesmo” (ARFUCH, 2010, p.73) que Bandeira conta no *Itinerário*, o estilo humilde e a simplicidade natural – traços distintivos da forma de expressão madura do poeta – forjaram-se lentamente, desde a infância, passando pelo contato decisivo com a cultura popular e com a tradição literária e pela experiência da doença – percurso que o *Itinerário* exhibe com clareza. Sobre a lição que aprendeu com a doença, afirma o autobiógrafo: “Fui menino turbulento, nada sentimental. A doença, porém tornara-me paciente, ensinara-me a humildade, o que estava muito certo” (BANDEIRA, 1983, p.61).

O autor também assinala, nesse ponto do *Itinerário*, a influência de Ribeiro Couto – foi por intermédio dele que tomou contato com a nova geração literária do Rio e de São Paulo – e de Mário de Andrade. A respeito deste último, assinala Manuel Bandeira:

Apesar de certas rebarbas que sempre me feriram na sua poesia, senti de pronto a força do poeta e em muita coisa que escrevi depois reconhecia a marca deixada por ele no meu modo de sentir e exprimir a poesia. Foi, me

parece, a última grande influência que recebi: o que vi e li depois disso já me encontrou calcificado em minha maneira definitiva (BANDEIRA, 1983, p. 62).

Sobre sua participação no movimento modernista, avalia – ainda na chave do “menor” – o poeta que ajudou a forjar a nova linguagem no campo da poesia:

Foi assim que me vi associado a uma geração que, em verdade, não era a minha, pois, excetuados Paulo Prado, Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, todos aqueles rapazes eram em média uns dez anos mais moços do que eu. A minha colaboração com ela (como, por outros motivos, também a de Ribeiro Couto), sempre se fez com restrições. (...) Nunca atacamos publicamente os mestres parnasianos e simbolistas, nunca repudiamos o soneto nem, de um modo geral, os versos metrificadas e rimados. **Pouco me deve o movimento: o que eu devo a ele é enorme.** Não só por intermédio dele vim a tomar conhecimento da arte de vanguarda na Europa (...), como me vi sempre estimulado pela aura de simpatia que me vinha do grupo paulista (BANDEIRA, 1983, p.64-5. Grifos nossos).

Dando continuidade ao *Itinerário*, o autobiógrafo comenta os livros *O ritmo dissoluto*, publicado em 1924, e *Libertinagem*, lançado em 1930: o poeta-leitor informa as condições de publicação das duas obras, assim como as avalia criticamente, no presente da escrita. Esclarece a origem de alguns poemas e o processo de criação dos mesmos, associando-os, por vezes, às circunstâncias biográficas às quais estão vinculados, como é o caso do antológico “Vou-me embora pra Pasárgada”:

“Vou-me embora pra Pasárgada” foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. (...). Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; e também porque parece que nele soube transmitir a tantas outras pessoas a visão e promessa da minha adolescência – essa Pasárgada onde podemos viver pelo sonho o que a vida madrasta não nos quis dar” (BANDEIRA, 1983, p.80).

O desejo de explicar a gênese de certos poemas aproxima-o, mais uma vez, da história do movimento modernista, num testemunho que procura registrar as distintas inserções do poeta nos rumos daquele movimento. É o que se vê nesta passagem do 14º bloco do *Itinerário*:

*Libertinagem* contém os poemas que escrevi de 1924 a 1930 – os anos de maior força e calor do movimento modernista. Não admira pois que seja entre os meus livros o que está mais dentro da técnica e da estética do modernismo. Isso todo mundo pode ver. O que no entanto poucos verão é que muita coisa que ali parece modernismo, não era senão o espírito do grupo alegre de meus companheiros diários naquele tempo: Jaime Ovalle, Dante Milano, (...). Se não tivesse convivido com eles, decerto não teria escrito, apesar de todo o modernismo, versos como os de “Mangue”, “Na boca”, “Macumba do Pai Zusé”, “Noturno da Rua da Lapa”, etc. (BANDEIRA, 1983, p.76-7).

Na reconstituição de seu itinerário, o poeta dá destaque à mudança, em 1933, do Curvelo para a Morais e Vale, “uma rua em cotovelo, no coração da Lapa” (BANDEIRA, 1983, p. 81), na qual compôs a maioria dos versos da *Estrela da manhã* (1936) e da *Lira dos cinquent’anos* (1940). Se a Rua do Curvelo proporcionara à sua poesia o “elemento de humilde cotidiano”, a Morais e Vale faz nascer no poeta o “sentimento de solidariedade com a



miséria”:

Da janela do meu quarto em Moraes e Vale podia eu contemplar a paisagem, não como fazia no morro do Curvelo, sobranceiramente, mas como que de dentro dela: as copas das árvores do Passeio, os pátios do Convento do Carmo, a baía, a capelinha da Glória do Outeiro... No entanto e quando chegava à janela, o que me retinha os olhos, e a meditação, não era nada disso: era o becozinho sujo, embaixo, onde vivia tanta gente pobre (...). Esse sentimento de solidariedade com a miséria é que tentei pôr no “Poema do Beco”, com a mesma ingenuidade com que mais tarde escrevi um poema sobre o boi morto que vi passar numa cheia do Capibaribe (BANDEIRA, 1983, p.81).

Trechos como este demonstram com clareza a afirmação de Davi Arrigucci de que “a prosa do poeta funciona como um meio auxiliar na sustentação desse mundo poético [o de Manuel Bandeira], pelas persistentes referências cruzadas, pelo comentário paralelo, pelo sopro confessional” (ARRIGUCCI, 1992, p.51), como se verifica sobretudo no *Itinerário de Pasárgada*, mas também se confirma nas crônicas, nas cartas e no tipo de ensaio crítico ligeiro que o escritor soube praticar com tanta lucidez e finura.

As homenagens por seus 50 anos, completados em 1936; a tarefa de organizar antologias; a atividade da crítica de arte e de artes plásticas; a eleição para a Academia Brasileira de Letras, em 1940: cada uma destas experiências enseja instigantes reflexões do poeta que, no presente da enunciação, não apenas lê criticamente a própria trajetória, mas reflete sobre a vida literária do país, por ele testemunhada em momentos diversos do século XX. Observemos esta passagem sobre a Academia Brasileira de Letras, no 17º segmento do *Itinerário*:

A Academia de 1940 já estava bem longe de poder competir com a de 1901, que eu vi reunida no Gabinete Português de Leitura na noite de 2 de junho para ouvir o elogio de Gonçalves Dias por Olavo Bilac (...). A de junho de 1901 representava realmente a plenitude de nossa força intelectual nas letras. (...) A muitos deles [os acadêmicos de então] tive ocasião de ver de perto naquela noite, e ainda tenho bem presente o sentimento de admiração e respeito com que os olhei na ingenuidade dos meus quinze anos. Sem dúvida isso me ajudou a compreender que a Academia não é só o elenco atual, mas alguma coisa que transcende a geração do momento (BANDEIRA, 1983, p. 88).

Enquanto prossegue na reconstituição de seu percurso – em que passam a figurar as *Poesias escolhidas* (1937), as *Poesias completas* (1940) e os *Poemas traduzidos* (1945), além do livro *Belo belo* (1948) –, o autobiógrafo continua a encenar-se como um poeta que não faz poesia quando quer, mas sim “quando ela, poesia, quer” (BANDEIRA, 1983, p.92).

Reverendo e sintetizando sua trajetória, diz Manuel Bandeira, no penúltimo segmento do *Itinerário*, em que o leitor de si mesmo comenta o livro *Mafuá do Malungo* (1948):

Já contei que os meus primeiros versos datam dos dez anos e foram versos de circunstância. Até os quinze não versejei senão para me divertir, para caçoar. Então vieram as paixões da puberdade e a poesia me servia de desabafo. Fiz algumas tentativas de escrever poesia sem apoio nas circunstâncias. Todas malogradas. Sou **poeta de circunstâncias e desabafos** (BANDEIRA, 1983, p.98. Grifos nossos).

No final do *Itinerário*, o poeta Manuel Bandeira convida o leitor a olhar para trás e a partilhar com ele o caminho percorrido, desta vez na sua relação com a doença e a morte:

Quando caí doente em 1904, fiquei certo de morrer dentro de pouco tempo (...). Mas fui vivendo, morre-não-morre, (...).

Continuei esperando a morte para qualquer momento, vivendo sempre como que provisoriamente. Nos primeiros anos da doença me amargurava muito a idéia de morrer sem ter feito nada; depois a forçada ociosidade. Já disse como publiquei *A cinza das horas* para de certo modo iludir o meu sentimento de vazia inutilidade. Este só começou a se dissipar quando fui tomando consciência da ação dos meus versos sobre amigos e principalmente sobre desconhecidos. Uma tarde voltei para casa seriamente impressionado de ter ouvido, na Livraria José Olympio, Rachel de Queiroz me dizer:

*Você não sabe o que a sua poesia representa para nós.*

Foi à força de testemunhos como esse, às vezes de gente quase de todo alheia à literatura, que principiei a aceitar sem amargura o meu destino. Hoje na verdade me sinto em paz com ele e pronto para o que der e vier (BANDEIRA, 1983, p.101).

## Conclusão: o caminho percorrido

Manuel Bandeira termina o *Itinerário* pela aceitação do seu destino e pelo reconhecimento do trabalho cumprido, da obra acabada. E, para encerrar a história de sua experiência poética, o escritor/leitor escolhe os versos de um dos poemas mais representativos de sua postura ética e estética. Diz Manuel Bandeira:

Agora a morte pode vir – essa morte que espero desde os dezoito anos; tenho a impressão que ela encontrará, como em “Consoada” está dito,

..... a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar (BANDEIRA, 1983, p.102).

A simplicidade natural dos versos acima evidencia, exemplarmente, a mescla estilística inovadora e moderna que caracteriza a poesia de Manuel Bandeira, que persegue “uma elevada emoção poética através das palavras mais simples de todo dia” (ARRIGUCCI, 1992, p.128). Também no *Itinerário de Pasárgada* a mestria expressiva é alcançada com as expressões mais simples e coloquiais, como dão exemplo as passagens que se seguem – representativas, em especial, do poeta que **leu** Mário de Andrade, este outro escritor-leitor com quem Bandeira se correspondeu por mais de 20 anos.

No primeiro trecho, o autobiógrafo relembra o menino interessado na técnica do verso:

Antes de conhecer o manual de Castilho, eu **embatucava** diante de certos problemas. **De uma feita**, fui, muito **encalistrado**, perguntar a meu tio Cláudio se “Vésper” rimava com “cadáver” (BANDEIRA, 1983, p.36. Grifos nossos).

No segundo trecho, o autor comenta a sua recusa ao pedido do Ministro Capanema de que ele, Bandeira, organizasse uma antologia sobre os poetas modernistas brasileiros:

Fiz-lhe ver (...) que o modernismo era **cumbuca onde eu, macaco velho, não me atrevia a meter, já não digo a mão, mas sequer a primeira**

**falange do dedo mindinho** (BANDEIRA, 1983, p.84. Grifos nossos).

No trecho que se segue, o escritor reconstitui o momento em que leu seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras:

**Me senti** como que desamparado. (...) E foi bem consciente do medíocre da minha prosa, intencionalmente acadêmica (por espírito de automortificação), que numa noite de novembro – fazia **um calor do inferno** – me aproximei da tribuna, **encalistrado** e meio sufocado sob os chumaços do odioso fardão, que nunca mais vesti, nem vestirei (BANDEIRA, 1983, p.88. Grifos nossos).

Se, como afirma Jean Starobinski, “o estilo [da autobiografia] é o índice não só da relação entre aquele que escreve e seu próprio passado, mas também o do projeto de uma maneira de dar-se a conhecer ao outro” (STAROBINSKI apud MIRANDA, 1992, p.30), o poeta moderno Manuel Bandeira, de personalidade despojada, lírica e sarcástica, encena-se por inteiro na linguagem coloquial e pungente do *Itinerário* – em cujas páginas o escritor **relê** e homenageia todos aqueles que o acompanharam em seu percurso. Não deixando de lançar suas farpas aqui e ali – como à “chamada geração de 45” (BANDEIRA, 1983, p.100):

Há nela uma meia dúzia de talentos que não me toleram nem como poeta nem como homem. Dou-lhes razão, porque, como o Dr. Strauss do meu confrade Austregésilo, eu “positivamente não gosto de mim”. Mas eles acabarão gostando: sei, por experiência, que no Brasil todo sujeito inteligente acaba gostando de mim (BANDEIRA, 1983, p.101).

### **Referências bibliográficas:**

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. *Humildade, paixão e morte*. A poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. O humilde cotidiano de Manuel Bandeira. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário*. Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 9-27.
- BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p. 33-102.
- \_\_\_\_\_. *A cinza das horas*. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983a, p. 113-151.
- GALLE, Helmut. Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica. In: *Matraga*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 18, 2006, p. 71-2.
- MELO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Organização, apresentação e notas de Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da USP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito*. A escrita autobiográfica na América Hispânica. Chapecó: Argos, 2003.